Tinham partido os 39 atletas em traje olímpico, elas de lenço à moda de Viana, mala com incrustações de cortiça, saia e blusa brancas, eles de casaco branco, calça azul-escura, gravata grená e de «palhinhas», mas Lopes ficara. Para se treinar no seu reduto. A seu jeito. «Sem sequer precisar de Moniz Pereira.» De Monsanto vinha quando, ao cruzar o Estádio da Luz, foi atropelado. Pânico. Rebolou pelo alcatrão, esfolado, de instinto se ergueu e correu. «Ao sentir que corria, pensei que tinha a medalha ganha. Se não morrera, se não partira nada com o embate, tinha os deuses comigo»...

E com mais esperanças partiria, então, alguns dias depois, para Los Angeles. Não se hospedou na Aldeia Olímpica, que mais parecia aquartelamento de campanha, com gente amontoada em camaratas, que a Nike marcara-lhe quarto no hotel mais luxuoso da cidade, para que o tratassem com um sibarita. Da aldeia tinha desertado, também, já Rosa Mota, abrindo o primeiro «caso» polémico de LA. Mas bronca maior surgiria ao apanhar-se o halterofilista Jorge Soares nas malhas do controlo anti-«doping».

Enfim, um brilharete. Alexandre Yokochi na final dos 200 metros bruços. Sétimo foi. Para um país sem piscinas...

In abola